

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Nicarágua

Manágua - Nicarágua, 08 de agosto de 2007

Em primeiro lugar, quero cumprimentar meu amigo Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, e sua companheira Rosario,

Cumprimentar os ministros de Estado da Nicarágua que estão aqui,

Cumprimentar o vice-presidente da Nicarágua,

Os empresários brasileiros,

Os empresários da Nicarágua,

E dizer a vocês que estamos vivendo um momento importante na nossa querida América Latina, no Brasil e na América do Sul. E é importante dizer para vocês por que estamos fazendo esse giro pela América Latina.

Sabem os empresários brasileiros que, desde a minha posse em janeiro de 2003, nós resolvemos fazer uma mudança no perfil da geografia comercial do mundo. O Brasil, durante muitas décadas, teve uma relação comercial muito privilegiada com os Estados Unidos e com a União Européia e, um pouco, o Brasil ficava de costas para a América do Sul, para América Latina e para a África. Nós passamos a compreender que era importante que um país do tamanho do Brasil diversificasse as suas relações políticas, econômicas, culturais e comerciais para que não ficássemos dependendo de uma ou de duas economias. É importante lembrar que fomos muito criticados por isso. Hoje, possivelmente, já não tenhamos mais as críticas do começo, porque os resultados já apareceram. Hoje, os maiores parceiros comerciais do Brasil são os países que compõem a América Latina, depois vem a Europa, depois vêm os Estados Unidos. Nós não tínhamos quase comércio com a África, era muito pequeno, hoje temos 15 bilhões de balança comercial com a África. Tínhamos pouca coisa com o Oriente Médio.

E é importante lembrar aqui um fato histórico. A última autoridade brasileira a visitar o Oriente Médio foi o imperador Dom Pedro II, em 1847, que tinha feito uma viagem ao Líbano. Pois bem, o resultado concreto é que nós

conquistamos um grande avanço nessa nossa política internacional, sem diminuir a nossa relação com os Estados Unidos, que tem crescido a 20% ao ano; sem diminuir a nossa relação com a Europa, que tem crescido no mesmo número que os Estado Unidos. Mas conquistamos o sucesso de ver a nossa relação comercial crescendo de forma extraordinária em uma parte do mundo com a qual tínhamos pouquíssimas relações. Recuperamos o Mercosul, estamos criando uma unidade na América do Sul e achamos que essa unidade precisa se estender com mais força para América Latina, não apenas para discutir a questão comercial, empresarial ou econômica, mas também para discutir a questão da solidariedade.

Eu, segunda-feira, estive com o presidente Calderón, e já faz uns quatro anos que estamos tentando convencer o governo mexicano a olhar um pouco para a América Latina, a olhar um pouco para a América do Sul, sem deixar de olhar para os Estados Unidos e o Canadá. Olha um pouquinho para lá, um pouquinho para cá. E nós vamos perceber que se o Brasil olhar para a América Latina, se o México olhar para a América do Sul, como são as duas maiores economias do Continente, o Brasil não pode olhar o México sem ver a América Latina e sem ver a América Central. O México não pode olhar o Brasil sem ver, também, o Caribe, a América Central e a América do Sul. Se essas duas economias, mais Argentina, Venezuela, Colômbia, Peru, que são as principais economias do Continente, resolverem estabelecer um processo de integração e de infra-estrutura comercial, nós corremos o gostoso risco de conquistar mais independência econômica, de não depender mais de um único país e fazer crescer as economias dos países que governamos.

Queria pedir permissão ao presidente Daniel Ortega para dizer uma coisa. Ontem, quando desci no aeroporto, Daniel vinha me explicando o problema energético da Nicarágua. Nós, agora, não temos que procurar quem é o culpado, quem não fez, porque agora ele é o presidente e ele tem que fazer. O dado concreto é que um país como a Nicarágua, que precisa crescer, se desenvolver, gerar empregos, fazer distribuição de renda para o povo trabalhador, não pode continuar com um apagão de sete horas por dia. Ao mesmo tempo, Daniel me explicava que está havendo muita solidariedade de vários países, com a ajuda de termelétricas a diesel, para suprir a deficiência energética.

Bem, qual é a conclusão a que chegamos? O que é mais ou menos de emergência está resolvido ou pelo menos está-se resolvendo. É mais caro, mais poluente mas, de qualquer forma, já está sendo feito. O que é preciso pensar agora é em como resolver o problema estruturante para os próximos cinco, seis anos, e quando se trata de hidrelétrica, a gente não pensa e começa a fazer hoje. Nós pensamos hoje para colher daqui a quatro ou cinco anos e precisamos pensar sempre cinco anos à frente para que a gente possa visualizar um crescimento econômico sustentável e duradouro.

Eu disse ao companheiro Daniel que o governo brasileiro, eu pessoalmente e meus ministros assumimos o compromisso de conversar com os ministros da Nicarágua responsáveis pela questão energética, e aquilo que estiver ao alcance do Brasil, nós não mediremos esforços para cuidar do financiamento. Temos empresas altamente preparadas, com conhecimento tecnológico secular na construção de hidrelétricas, e estaremos dispostos a ser parceiros para que a Nicarágua resolva, definitivamente, o seu problema de energia. Até porque não existe nenhuma possibilidade nem do Brasil, nem da Nicarágua, nem dos Estados Unidos, nem da Alemanha prometerem crescimento econômico se não tiverem energia para oferecer à sociedade e às empresas. Qualquer empresário, em qualquer lugar do mundo, que quiser construir uma empresa, vai perguntar, como primeira coisa: tem energia, tem mão-de-obra qualificada, tem mercado? Se não tiver, tudo será mais difícil.

Então, Daniel, quero te dizer que tenha a nós como parceiro para enfrentar essa realidade que a Nicarágua vive hoje. O único conselho que eu posso dar é que, quando a gente governa, a gente não tem tempo de ficar procurando quem é que não fez, até porque o povo já sabe. Nós temos que garantir que vamos fazer aquilo que os outros não fizeram. Porque a Nicarágua precisa ter oportunidades para se transformar numa economia sustentável, com crescimento razoável para gerar oportunidades de empregos para estes milhões de jovens que precisam trabalhar.

Também discutimos outros problemas. E aqui estou vendo empresários brasileiros de empresas de ônibus. Teve problema de ônibus na Nicarágua e nós precisamos discutir como ajudar. As empresas brasileiras, façam um bom preço, o governo facilita o financiamento, e a Nicarágua terá os ônibus necessários para transportar a sua gente. Também é verdade que temos

outros assuntos para discutir. Combinei com o presidente Daniel Ortega que receberemos quantas delegações de ministros ele quiser mandar ao Brasil, e virão para a Nicarágua quantas delegações de ministros, especialistas, que a Nicarágua quiser, para que a gente possa estudar os projetos.

Discutimos os biocombustíveis, e acho importante deixar uma coisa clara para os empresários da Nicarágua e para os empresários do Brasil: o Brasil, definitivamente, entrou na era dos biocombustíveis. E o mundo, se quiser cumprir o Protocolo de Quioto, terá que entrar na era dos biocombustíveis. Obviamente que cada país tem que levar em conta a sua realidade, o seu território, para decidir a política que vai fazer. No caso do Brasil, nós já definimos, ou seja, nós poderemos ser dependentes apenas de uma matriz energética, nós iremos tentar colocar em prática aquilo que estiver ao nosso alcance, para que a gente possa criar mais alternativas para ter mais independência e para ter mais soberania. E achamos que os biocombustíveis podem ser a solução para muitos países que não tiveram oportunidade de crescimento no século XX poderem crescer no século XXI.

Estamos dispostos a fazer as mudanças tecnológicas que forem necessárias na área da medicina, na área da saúde, para que a gente possa garantir à Nicarágua, e a outros países da América Central e do Caribe, as oportunidades com que tanto o povo sonha, e tantos discursos o Daniel Ortega fez nesses 20 anos, prometendo ajudar o povo a se desenvolver.

Eu acho que a América Latina mudou, a América do Sul mudou, já não predomina mais o discurso das privatizações, já não se prega mais o discurso da negação do Estado, até porque todo mundo que tem bom-senso sabe que o Estado é insubstituível para fomentar e ser o indutor para que as boas coisas aconteçam no país.

Eu quero terminar dizendo, Daniel, que o papel de um presidente da República, como tu e como eu, não é de ser empresário, é de determinar o que vai acontecer todo santo dia. Nós somos como garimpeiros, ou seja, se nós descobrimos que tem minério de boa qualidade nesse imenso território, o nosso papel é criar as condições legais, políticas, para que os nossos empresários façam a garimpagem, façam os acordos, e comecem a trabalhar, porque Nicarágua e Brasil dependem da ousadia de vocês.

Muito obrigado.

